



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.721

## **A SUBVERSÃO DA IMAGEM E A CENSURA NO JORNAL ÚLTIMA HORA - RJ:**

### **Sinais e ícones do Esquadrão da Morte (1968-1969)**

Mariana Dias Antonio

Universidade Federal do Paraná

Com a Ditadura Militar em 1964 e suas respectivas medidas, a censura aos meios de comunicação da época resultara no uso de dissimulações, sobretudo no fotojornalismo. Desta forma, pretende-se investigar como se deu esta prática, por meio de uma análise concomitantemente histórica, semiótica e sociológica, da alteração presente nas notícias veiculadas pela imprensa da época, tendo como foco a representação fotográfica do Esquadrão da Morte no jornal *Última Hora* - RJ entre os anos de 1968 e 1969. A finalidade dentro deste objeto de estudo é o de estabelecer um paralelo entre as fotografias e os textos noticiados, evidenciando através da tríade fotografia–lead–corpo textual das matérias do jornal *Última Hora* sua linha editorial, postura em relação aos preceitos políticos da Ditadura Militar e as influências provocadas na imprensa do referido período, além de por em voga o uso de diferentes fontes documentais, sobretudo os jornais e a fotografia como importantes suportes historiográficos que possibilitam novos olhares ao período. É importante ressaltar que este trabalho encontra-se em andamento e, portanto, as conclusões aqui apresentadas são preliminares.

**Palavras-chave:** Censura; fotojornalismo; representação; Esquadrão da Morte; influências.

Financiamento: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

## **Introdução**

Neste artigo apresentaremos os resultados preliminares da pesquisa em andamento conduzida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, com auxílio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES), na qual pretende-se analisar a representação dos grupos de extermínio denominados pela imprensa marrom<sup>1</sup> como "Esquadrão da Morte" através da seleção, cotejamento e análise de reportagens compreendidas entre os anos de 1968 e 1969 a partir do jornal carioca *Última Hora*.

Segundo ROSE (2009, p.31) os *primeiros* grupos de extermínio na *Era Moderna* que surgiram na América do Sul remontam ao ano de 1957, no Rio de Janeiro, quando o então chefe da Polícia Federal e general do Exército Amauri Kruel sanciona a lei proposta por Cecil de Macedo Borer, do Serviço de Vigilância, criando um grupo especializado na polícia carioca que combatesse a criminalidade em 1958, batizado então de Serviço de Diligências Especiais (SDE). A criação desta repartição policial conferia a seus integrantes total liberdade para empregar todos os métodos para refrear a criminalidade no Rio. Completa ROSE (2009):

Amauri Kruel tinha outro motivo mórbido para adotar o plano de Borer. Seu irmão, Riograndino Kruel, era um dos colegas de Borer nos interrogatórios e nas torturas na Polícia Central, nas décadas de 1930 e 1940.

Eurípedes de Malta de Sá, um veterano da polícia com 33 anos de carreira e ex-integralista, chefiava o SDE. O resto da equipe era composto por Itagiba José de Oliveira, João de Deus Dorneles e Salvador Correia de Oliveira. A unidade tinha autorização para eliminar todo marginal que circulasse pela cidade. Não haveria nenhum questionamento, nenhuma papelada e nenhum preso pego com vida. Quando resolviam ir atrás de um determinado suspeito, a morte do indivíduo já estava decidida. [...] Muitas vezes, os corpos eram jogados sem cerimônia na periferia, na comunidade da classe trabalhadora, ao Norte da cidade, a Baixada Fluminense. De vez em quando, os repórteres eram informados sobre o que aconteceria e, às vezes, até acompanhavam Eurípedes e seus homens. No dia seguinte, os jornais do Rio anunciavam que mais um bandido estava fora de circulação. (ROSE, 2009, p.293-294)

Ainda em 1958, Amado Ribeiro, repórter policial do *Última Hora*, já

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para a imprensa que possuía uma postura sensacionalista, através da divulgação exagerada dos fatos e acontecimentos.

alcançava o SDE sendo um esquadrão da morte (ROSE, 2009). Entretanto, Ribeiro não teria sido o primeiro a utilizar este termo, tampouco seria o último. Os anos que precederam o golpe militar de 1964 trouxeram mais motivos para sua utilização com o considerável aumento de execuções sumárias e atuação de vários grupos paramilitares de extermínio – os esquadrões da morte – que atuaram com relativa conivência do governo militar. A associação do nome foi feita em alusão à sigla da "Esquadra Montada" (EM), destacamento de motocicleta que Le Cocq participou no início de sua carreira (idem, 2009).

O surgimento do "Esquadrão da Morte"<sup>2</sup> – tal como se referem os jornais da época no Rio de Janeiro – se deu em meados dos anos 60, tendo uma de suas finalidades o intuito de vingar a morte de Milton Le Cocq<sup>3</sup>, membro e chefe da Scuderie Le Cocq, morto em 1964 por Manoel Moreira, o "Cara de Cavalo" durante uma perseguição policial.

A morte de Milton Le Cocq em 27 de agosto de 1964, marca então um importante acontecimento para o futuro dos Esquadrões da Morte no Brasil, nutrindo todas as possibilidades para que as execuções sumárias se desenrolassem em maior número com a criação da Scuderie Le Cocq, somadas às medidas adotadas nos anos de chumbo pelo governo militar. No oportunismo deste evento, a imprensa marrom teve a chance de desenvolver material propício para aumentar sua vendagem e repercutir nas mais variadas esferas sociais da época. É neste contexto que o *Última Hora* obtém seu destaque na sociedade carioca, sobretudo na cobertura dos crimes provocados pelo Esquadrão da Morte ou a ele atribuídos.

Carregado de mensagens e sinais do esquadrão, os crimes registrados

---

<sup>2</sup> Surgindo inicialmente com referência a um ou mais grupos de certa homogeneidade - formados por policiais, etc - o Esquadrão da Morte (de iniciais maiúsculas) perderia seu referencial concreto e ganharia um referencial mais abstrato com o passar das ocorrências. Através das sucessivas execuções, o corpo jornalístico passaria a atribuir a autoria de qualquer execução a esta entidade abstrata, desde que respeitado certo *modus operandi*, uma espécie de assinatura que tornaria a execução uma "obra autêntica" do Esquadrão da Morte.

<sup>3</sup> Milton Le Cocq, "O Gringo" iniciou sua carreira militar como policial pedindo, posteriormente, transferência para o destacamento de motocicleta da Polícia Especial onde se tornou comandante do grupo. Sua rigidez e comprometimento aos preceitos do órgão em que atuava inspirou vários grupos da polícia. Como comandante, Le Cocq convocou pessoas que ele conhecia da Polícia Especial para fazer parte, renovando e intensificando a atuação do "Esquadrão da Morte", realizando quantias consideráveis de execuções. Entre as pessoas as quais ele nomeou estão: José Guilherme Godinho Ferreira ("Sivuca"), Hélio Guaíba Nunes, Euclides Nascimento, Jaime de Lima, Hermegenildo de Souza Cavalcanti Filho, Lincoln Monteiro, Ivo Americano Alves de Brito, José Nunes Curvello, Spencer Manga e, às vezes (quando convocado por Le Cocq), Aníbal Beckman dos Santos, o "Cartola" (ROSE, 2009, p. 295).

pelas lentes e pela redação do *Última Hora* alternavam entre o relato e o apelo visceralmente sensacionalista, uma fórmula ousada e perigosa – e, por muitas vezes necessária, levando em conta o público-alvo do jornal, que compreendia as camadas mais baixas da sociedade carioca – considerando a censura ditatorial aos meios de comunicação. A postura do governo perante a mídia foi imprescindível no que tange às manobras de poder do regime militar, dada a estreita relação entre a política e os meios de comunicação no país. Segundo Barbosa (2007), a relação simbiótica do *Última Hora* com a política permitira seu lugar central em muitos episódios decisivos na história do país; mesmo com a influência norte-americana de imparcialidade – os chamados *watchdogs* – os jornais dificilmente apresentavam este distanciamento das esferas políticas. O próprio nascimento do *Última Hora* em 1951 foi fruto de ligações políticas entre seu fundador Samuel Wainer e Getúlio Vargas, durante a campanha presidencial de 1950, permitindo evidenciar a postura pró-getulista assim como as demais configurações da linha editorial que o jornal seguiu durante sua circulação nos anos que precederam sua fundação até a instauração do regime militar e as medidas adotadas no pós-golpe os meios de comunicação da época. O *Última Hora* foi um dos únicos jornais de grande circulação a não apoiar a ditadura militar no país, enfrentando uma série de problemas ocasionados pela má conduta aos olhos dos órgãos reguladores da imprensa do governo.

O jornal trouxe a possibilidade de realizar um jornalismo que atendesse as camadas menos influentes, porém de grande corpus demográfico na sociedade – classes média e proletária dos anos 60 no Brasil – tal como pode ser evidenciada num relato de Wainer a Theodoro de Barros (falecido em 2012), ex-funcionário do *Última Hora* e professor da UFF até sua morte:

A *Última Hora* veio romper a tradição oligárquica da grande imprensa e dar início a um tipo de imprensa popular que não existia no Brasil. Até 1950, a opinião pública brasileira era dominada por meia dúzia de jornais, pertencentes a famílias tradicionais há mais de meio século. (WAINER apud MEDEIROS, 2009, p.24).

O jornal foi pioneiro também no uso de fotografias, através de sequências fotográficas inicialmente inseridas na seção "Esportes", possibilitando ao público a popularização da imagem associada ao relato jornalístico aproximando o fato

noticiado e o leitor. Desta forma, o repórter e o fotógrafo transpõem sua experiência diante da cobertura da matéria, relatando discursivamente a cena e ilustrando-a com auxílio da fotografia, reforçando um pseudo-ambiente<sup>4</sup>, uma realidade estruturada no leitor pela mídia, através da notícia, realidade construída graças à ausência de contato direto entre o leitor e os eventos.

Esta recriação supostamente fiel do relato do repórter com o auxílio do suporte fotográfico evidencia o que ocorreu *tal como foi*: "O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente." (BARTHES,1984, p.13). Entretanto, como Barthes ressalta posteriormente em sua obra *A câmara clara*, a fotografia não só reproduz o objeto fotografado como também possui a capacidade de transformá-la dependendo da intencionalidade de quem a produz:

[...] como se eu tivesse de ler na Fotografia os mitos do Fotógrafo fraternizando com eles, sem acreditar inteiramente neles. Esses mitos visam evidentemente (é para isso que serve o mito) a reconciliar a Fotografia e a sociedade (é necessário? – Pois bem, é: a Foto é *perigosa*) dotando-a de *funções*, que são para o Fotógrafo outros álibis. Essas funções são: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade. (BARTHES,1984, p.48).

A fotografia, enquanto documento histórico, permite trazer pontos essenciais e icônicos que permitem a reconstrução das posturas da sociedade, da política e suas consequências no meio, sendo também uma potencial forma de construção da narrativa histórica por meio de documentos não escritos, passível de alteração e inferência de significados que condicionam a formação da opinião do leitor perante as execuções sumárias do Esquadrão da Morte e a suposta convivência do governo militar.

A fotografia enquanto engajamento social – como o fotojornalismo – é um dispositivo político, crivado de pequenas manobras indutivas e, portanto, um produto do movimento histórico e de sua necessidade e intencionalidade no meio: a imprensa enquanto veículo de informação para a sociedade. Vale lembrar que esta

---

<sup>4</sup> "O analista da opinião pública precisa começar reconhecendo a relação triangular entre a cena de ação, a imagem humana daquela cena e a resposta humana àquela imagem atuando sobre a cena da ação". LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Tradução e Prefácio: Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008. p.31.

indução por meio da imagem pode, também, ser efeito do *habitus* da equipe jornalística<sup>5</sup>, que compreende desde o fotógrafo até ao repórter, diagramador e redator. Segundo Bourdieu, *habitus* é o mecanismo gerador de práticas, reforçando a ideia de uma predisposição historicamente construída no meio, através da externalização de tais ações, que por sua vez irão interagir com os demais agentes do campo.

Efeito semelhante é visto na análise de Issler a respeito da representação de figuras políticas em *As máscaras de Barbie: um estudo dos conflitos simbólicos no fotojornalismo do Estadão*<sup>6</sup>, onde são analisadas as fotografias que acompanham a tríade imagem/legenda/manchete pautada na comparação entre a imagem construída de Marta Suplicy e Fernando Henrique Cardoso. Neste estudo de caso foram considerados a produção de significado alegórico, simbólico, metafórico ou outros que não se isolam do contexto de inserção (neste caso, o período eleitoral entre os meses de novembro de 2000 e dezembro de 2001). Percebe-se então o tratamento e dignificação que a imagem de Fernando Henrique recebe do veículo de comunicação através da fotogenia, tratamento do ambiente em que é fotografado (cenário simples, claro), closes de rosto, gestos harmoniosos como o sorriso ou postura relaxada evidenciam uma posição positiva quanto à figura de FHC. Efeito contrário se revela diante da imagem de Marta Suplicy, mostrando a fragilidade feminina de Marta Suplicy são desarmonizados com as fotografias em ângulos e poses que descaracterizam a ideia de liderança e segurança<sup>7</sup>. Desta forma, a operação sincrônica entre a legenda, corpo de texto e fotografia provoca divergências entre o material iconográfico e o textual, inferindo elementos que possam subjetivar a interpretação da notícia ou até mesmo condicionar o leitor, ao evidenciar características que enalteçam e/ou fragilizem a figura que está sendo noticiada. A opinião pública é, portanto, condicionada pelos perfis criados pela

---

<sup>5</sup> "Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma 'intenção objetiva', como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes." (BOURDIEU apud ORTIZ, 1983, p.15).

<sup>6</sup> ISSLER, Bernardo. *As máscaras de Barbie: um estudo dos conflitos simbólicos no fotojornalismo do Estadão*. In: BARROS FILHO, Clóvis (org.) *Comunicação na Pólis- Ensaios sobre mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 87-108.

<sup>7</sup> idem, p.98-99.

própria imprensa, de forma intencional<sup>8</sup>.

## Objetivos

A pesquisa busca analisar o processo de transformação das fotografias nas reportagens sobre o Esquadrão da Morte noticiadas no jornal *Última Hora* - RJ entre 1968 e 1969, através do confronto com o texto e a chamada da notícia, evidenciando em que medida os documentos e referenciais fotográficos proporcionam uma construção imagética do fenômeno do Esquadrão da Morte no final dos anos 60. Considerando este eixo orientador, delimitar-se-á o período entre 1968 e 1969 para as fotografias e suas respectivas matérias jornalísticas de casos sobre o Esquadrão da Morte, focado para o cotejamento das imagens segundo:

- A representação do Esquadrão da Morte - uso da insígnia em placas e recados de tom jocoso deixados no corpo dos assassinados;
- A análise dos elementos textuais que remetem às fotos publicadas no jornal *Última Hora*- RJ.

Sendo assim, o recorte histórico do período compreendido entre 1968 e 1969 possibilitará, dentro do objetividade da pesquisa aqui proposta, analisar a questão iconográfica presente nas fotos e nos simbolismos atribuídos ao Esquadrão da Morte, evidenciando, através da tríade *fotografia–lead–corpo textual*, o autoritarismo e a metamorfose ocorrida nas notícias durante o Regime Militar.

## Resultados

De acordo com o levantamento obtido na seção Policial buscando a ocorrência de reportagens sobre o "Esquadrão da Morte", o período analisado

---

<sup>8</sup> Sobre aspectos que tangem a questão da opinião pública, Pierre Bourdieu (2003) aponta que nas pesquisas de opinião – onde, **supostamente**, [grifo nosso] o entrevistado evoca sua opinião – os questionários são elaborados previamente e com as perguntas e respostas fechadas (aquilo que eles realmente querem que sejam respondidas), havendo portanto, semelhante efeito na imprensa. Na verdade, a pesquisa de opinião é um instrumento de ação política, com o intuito de impor a ilusão de que existe uma opinião pública como soma de opiniões individuais.

apresentou variações sobre como as reportagens a respeito dos grupos de extermínio eram publicadas, conforme segue a tabela:

TABELA 1 - LEVANTAMENTO DE NOTÍCIAS SOBRE A ATUAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE E A DISPOSIÇÃO DAS NOTÍCIAS NO CORPO DO JORNAL NA TRANSIÇÃO "PRÉ AI-5" E "PÓS AI-5"

|                                                                         | Pré AI-5 | Pós AI-5 |
|-------------------------------------------------------------------------|----------|----------|
| <b>Termo "esquadrão da morte" na Primeira Página</b>                    | 50,00%   | 21,43%   |
| <b>Alta saliência da matéria na página Policial<sup>9</sup></b>         | 75,00%   | 55,71%   |
| <b>Presença de fotografia na primeira página<sup>10</sup></b>           | 35,42%   | 8,57%    |
| <b>Presença de fotografia (matéria ou primeira página)<sup>11</sup></b> | 77,08%   | 48,57%   |
| <b>Fotografia da vítima ou local do crime</b>                           | 43,75%   | 22,86%   |
| <b>Matéria em nota curta ou coluna lateral<sup>12</sup></b>             | 0,00%    | 38,57%   |

Fonte: Dados levantados entre o período Jan/1968 a Dez/1969 conforme a incidência de casos sobre os grupos de extermínio. Total de jornais compreendidos entre Jan/1968 a Dez/1968: 48 exemplares; Total de jornais compreendidos entre Jan/1969 a Dez/1969 (exceto o mês de Novembro): 70 exemplares. A contagem dos dados toma por referência a data, não contando duas vezes para repetições entre edição matutina e vespertina, e contando as incidências caso se apresentem em apenas uma das edições.

Apesar da diferença quanto ao número de exemplares que continham notícias sobre as execuções do Esquadrão da Morte (48 exemplares em 1968 e 70 exemplares em 1969), é perceptível certa redução na saliência das reportagens em 1969. A partir deste ano, é perceptível certa redução na saliência das reportagens; mais enfáticos são o surgimento de um número significativo de matérias em

<sup>9</sup> Consideramos alta saliência qualquer matéria que ocupe espaço considerável na sua respectiva página e não esteja contida em colunas laterais, sendo assim, notas curtas com manchete em destaque e matérias contidas em sequências, desde que a manchete da sequência à faça referência, são igualmente contadas.

<sup>10</sup> Como presença de qualquer fotografia a respeito do Esquadrão da Morte consideramos: corpo, suspeito, cartaz, familiar da vítima, autoridade, local do crime, etc.

<sup>11</sup> Presença de qualquer fotografia associada à matéria, seja na página em que a matéria se insere (seção Policial) ou na primeira página (Capa).

<sup>12</sup> Consideram-se matérias curtas sem referência direta de manchete saliente ou matérias contidas em colunas de posicionamento marginal em sua respectiva página (RP Chamando, Lei dos Homens, etc).

colunas laterais, o que não é notado durante o ano de 1968, e o escasseamento de fotografias ou primeiras páginas. Dentre os documentos disponíveis e levantados no Arquivo do Estado de São Paulo (AESP), o período "Pré AI-5" apresenta significativo número de edições matutinas, o que não ocorre com o período "Pós AI-5". Acreditamos, no entanto, que tal limitação não resulte em grande interferência nos dados, visto que as edições vespertinas passam a dominar a amostragem a partir de 07/10/68 sem qualquer mudança significativa em relação às edições anteriores. Outra mudança notada foi o teor das notícias, que passaram a suprimir termos e expressões<sup>13</sup> anteriormente utilizados para tecer críticas às práticas do Esquadrão da Morte e a indiferença das autoridades diante dos crimes, dando a entender que o governo apoiava tais práticas.<sup>14</sup> Outra característica observada foi a supressão dos nomes de pessoas envolvidas diretamente na notícia, passando a ser substituída por um cabeçalho único contendo os nomes de toda a equipe envolvida na página "Policial". Com esta prática, a autoria direta aos membros da equipe responsável

---

<sup>13</sup> Termos como "assassinos oficiais", "carrascos", "facínoras", "monstros" e "verdugos" deixaram de ser utilizados, sendo substituídos por "membros do EM".

<sup>14</sup> Para esta amostragem foram consideradas a chamada da notícia (N) e a legenda das fotos (se houver) (L), por serem elementos que chamam a atenção no jornal sem que o leitor necessite realizar a leitura pontual da notícia. *Ultima Hora*, 04/03/1968 - (N) *Foi nôvo esquadrão que matou Roma-45*. (L): Foto 1- O nôvo esquadrão da morte, chefiado por um delegado, **deixou visível o dedo da polícia**. Foto 2- Roma-45 não confiava em mulher, mas três lá estavam à sepultura, dando-lhe o adeus. Foto 3- s/ legenda. *Ultima Hora*, 08/06/1968 - (N) O "Esquadrão da Morte" - Polícia fuzila para vingar-se. *Ultima Hora*, 03/10/1968 - (N) EM fuzila quem sabe demais - Família, noiva e advogado afirmam: **Polícia matou um regenerado**. *Ultima Hora*, 07/10/1968 - (N) PENA DE MORTE PROIBIDA NO RIO VIRA ROTINA - Mesmo proibida pela Constituição em vigor, a pena de morte virou rotina na Guanabara. E para executá-la, **Esquadrão da Morte é, a um só tempo, promotor, juiz, carrasco**. Neste fim-de-semana, os verdugos aceleraram, súbitamente, esta ação espantosa. Nada menos que quatro corpos crivados de balas foram encontrados em locais diferentes. Três deles, sadicamente entrelaçados por cordas, estavam à margem da estrada do Itaguaí. O mais impressionante é que os assassinos avisam com antecedência onde os cadáveres aparecerão. *Ultima Hora*, 07/11/1968 - **ESQUADRÃO: Carrascos voltaram fuzilando, cremando e mutilando mais 5** - O Esquadrão da Morte, condenado com veemência pela parte sadia do organismo policial, voltou a matar e o fez com tamanho requinte de sadismo e selvageria que provocou engulhos nos policiais e jornalistas que, por dever de ofício, foram ver a última vítima, um rapazola ainda imberbo, crivado de balas, esfaqueado e com a garganta rasgada, como se fôra um inimigo pessoal de carrascos. As denúncias contra o EM se avolumam. As vítimas são identificadas. Alguns dos criminosos idem. **Mas a punição para os monstros não vem nunca**. E os sádicos, os anormais em potencial, "os que tem gosto de sangue na bôca" e que, por precaução e profilaxia, deveriam estar internados em hospícios inexpugnáveis, **são abanados pela impunidade e matam ou voltam a matar porque sabem, de antemão, que nada lhes acontecerá**. Os quadros tétricos se repetem com espantosa assiduidade. Em Niterói, em São Gonçalo, nos últimos cinco dias, quatro outros corpos foram encontrados, todos com as mais incríveis marcas de sevícias, todos cremados como se os monstros tivesse interesse em dificultar-lhes a identificação. E, curiosamente, todas as vítimas apresentam sinais nos pulsos de algemas, o que deixa subentendido a **presença oficial** da carnificina. [grifos nosso]

pela elaboração da coluna em todas as suas etapas era resguardada por certo anonimato.

## Considerações Finais

Até o presente momento, as análises não incidiram sobre as metamorfoses da imagem – foco principal desta pesquisa –, mas sim sobre a frequência com que este material chegava até o leitor do *Última Hora*. Entende-se como metamorfose a alteração do material bruto fotográfico (ato de fotografar a ocorrência ou elementos desta) até seu posicionamento na folha policial. Este primeiro resultado da pesquisa será de suma importância para a análise da metamorfose das fotografias, servindo como eixo condutor para as hipóteses que serão posteriormente levantadas seguindo as especificidades de cada notícia e seu respectivo período (Pré ou Pós AI-5).

Recentemente disponibilizado *on-line*, um telegrama da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, de 1971<sup>15</sup>, apontava certa divergência quanto à realidade no que diz respeito a uma censura frouxa às matérias sobre o Esquadrão da Morte nos jornais brasileiros:

One might suspect that with the present degree of GOB control over the press, stories dealing with a subject with such potentially damaging impact in Brazil's image would be heavily censored by the authorities. Such is not the case.<sup>16</sup>

Duas observações são importantes a respeito de tal afirmação. Primeiramente, como demonstramos, o tema não foi, de modo algum, imune à censura: A alteração na saliência e a eufemização do discurso jornalístico são notáveis ao traçar um comparativo pré/pós-AI-5. Em segundo lugar, cabe perguntar se tal circulação de informações – considerando-se toda a imprensa, e não somente o *Última Hora* – cria em seu público uma interpretação puramente infame ou uma

---

<sup>15</sup> A-249 AmEmbassy BRASILIA AmEmbassy RIO DE JANEIRO June 08, 1971, no site "The Nacional Security Archive", disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB478/docs/doc4.pdf>>. Acesso em : 08/08/2015.

<sup>16</sup> Ibid. tradução: "Pode-se suspeitar que, com o atual grau de controle do Governo do Brasil sobre a imprensa, histórias que tratam de um assunto com impacto potencialmente prejudicial para a imagem do Brasil seriam fortemente censuradas pelas autoridades. O que não é o caso". o termo "GOB" no telegrama remete a *Government of Brazil*.

interpretação mista, de bandido-herói, que foge aos entraves jurídicos e burocráticos e garante uma *justiça* rápida. Nesta segunda possibilidade, a degradação imagética não seria inferida pelo público sobre a polícia, mas sim sobre o aparato jurídico-burocrático, possibilitando inclusive uma heroicização do policial e um medo/respeito difuso, da constante observação de um executor sumário desconhecido: *se incorrer em crime, não serei mais julgado, e sim executado*. A existência de "*relações públicas*" que indicavam crimes cometidos "*pelo Esquadrão*" mas não ligavam negando autorias falsamente atribuídas parece sustentar esta possibilidade.

Para posteriores análises – sobre as metamorfoses da imagem – um dos entraves é o *habitus* da equipe jornalística. Como afirmar se as dissimulações são consequência de uma campanha difamatória contra o Regime, desenvolvida pela redação e corpo editorial do jornal, ou consequências históricas da prática jornalística sem maiores deliberações? Alguns indícios podem emergir da rotina jornalística do *Última Hora*, como, por exemplo, processos de seleção de jornalistas que filtrem os portadores de determinadas predisposições ou posicionamentos político-ideológicos e eliminem os portadores de outros. Tais indícios, internos à equipe do jornal em questão, não aboliriam totalmente o peso da deliberação, dado que tal *habitus* seria fruto de uma gênese histórica concomitante à gênese do jornal, sendo esta de forte cunho populista e, embora não oposta a um regime ainda inexistente, oposta a ideias e inclinações preexistentes que seriam retomadas, sustentadas e enfatizadas pelos militares no poder. Outros indícios de um *habitus* jornalístico poderiam emergir também de uma análise do campo jornalístico carioca como um todo e suas inúmeras influências políticas, sociais, econômicas e comerciais, sofridas e exercidas.

Os resultados aqui apresentados - juntamente com a ação do *habitus* - deverão balizar futuras investigações sobre esta questão antagônica, marcada pela circulação de informações sobre execuções sumárias num período em que estas comumente tendiam ao sigilo por se tratar de acontecimentos ligados diretamente às questões de segurança pública e autoridades policiais.

## Referências

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Repositório Digital - Última Hora, Janeiro de 1968 a Dezembro de 1969** (exceto Novembro/1969). Disponível em:<[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/uhdigital](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/uhdigital)>.

Acesso em: 07/08/2015.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.(Coleção Estado de Sítio).

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: BOURDIEU, Pierre. trad. de Miguel Serras Pereira. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, Ltda, 2003. p. 233-247.

\_\_\_\_\_. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3ª. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ISSLER, Bernardo. As máscaras de Barbie: um estudo dos conflitos simbólicos no fotojornalismo do Estadão. In: BARROS FILHO, Clóvis (org.) **Comunicação na Pólis** - Ensaios sobre mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 87-108.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução e Prefácio: Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDEIROS, Benício. **A Rotativa Parou!** Os Últimos Dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ORTIZ, Renato (Org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'agua, 2003.

ROSE, R.S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad.: Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.